

Argentina

Como Cristina Kirchner está transformando o país numa ilha isolada do mundo

Mensalão

O Supremo Tribunal Federal começa a julgar os chefões do PT



Editora ABRIL
edição 2289 - ano 45 - nº 40
3 de outubro de 2012

veja

www.veja.com

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA
R$ 9,90

FORÇA DE VONTADE

O que aprender com RONALDO, um campeão que venceu contusões gravíssimas e se tornou o maior artilheiro das Copas, em sua tentativa de emagrecer diante de milhões de olhos em um programa de televisão

INFORME PUBLICITÁRIO

EDUCAÇÃO CAMPINAS 2012



Um negócio chamado Educação

A educação é primordial para o sucesso dos cidadãos e para o crescimento do país. E pode ser encarada como um negócio, em que todos podem – e devem – estar do mesmo lado: o de investidores. O lucro é da sociedade.



O trabalho de empresários juniores de medicina já reduziu a espera para consulta dos pacientes no Hospital das Clínicas da Unicamp

Indaiatuba tem uma das menores taxas de desemprego da Região Metropolitana de Campinas (RMC). O investimento em educação colabora para que os quase 210 mil habitantes tenham melhores chances. "Cerca de 30% da arrecadação municipal são destinados à educação. Esse é um dos motivos para o baixo nível de desemprego", acredita o superintendente da Fundação Indaiatubana de Educação e Cultura (FIEC), João Neto, referindo-se aos 25% de repasse de impostos para o ensino (obrigatório por lei federal) e aos outros 2% repassados à Fundação (devido a uma lei municipal).

A FIEC é uma escola profissionalizante totalmente gratuita, mantida pela prefeitura. Atende cerca de três mil alunos por ano e já formou mais de 12 mil técnicos. A entidade quer suprir a demanda por mão de obra capacitada com formação focada nas necessidades do mercado - especificamente o regional. De acordo com um Censo Industrial da RMC, realizado pela Fundação, há grande demanda por alunos de informática, edificações, mecânica e química – cursos que mais geram contratações. "Em iniciativas como essa, é preciso ver a vocação da cidade e da região", diz Neto. Atualmente, há 13 cursos, entre eles, administração, design de interiores, logística e meio ambiente. Estuda-se agora a criação de um curso voltado para o mercado de aviação. "Haverá a ampliação do Aeroporto de Viracopos e nós precisamos estar atentos." Para não perder o foco, o segredo é a autonomia municipal quanto à iniciativa. Segundo o superintendente, "é comum municípios terem que se adequar às normas (federais ou estaduais), mas se cada um pudesse ter uma política de educação própria, aprovada por estado e federação, seria mais simples resolver problemas locais".

Saúde para toda sociedade

A Consulta, Empresa Júnior da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), está atenta à realidade da saúde. Criada em 2011, possui dez membros empenhados em melhorar o gerenciamento do Ambulatório de Neurologia do Hospital das Clínicas da Unicamp. "Os profissionais da saúde também precisam de conhecimentos na área gerencial. Esse é um déficit dos brasileiros", explica o diretor de Comunicação do Núcleo das Empresas Juniores da universidade, Guilherme Honório.

Foi da necessidade de adquirir conhecimentos em gestão ainda na graduação que nasceu a Consulta. Com ela, os estudantes podem, já na graduação, solucionar problemas que refletem na melhoria de atendimento a milhares de pacientes da região. A reorganização de procedimentos burocráticos, por exemplo, já está resultando na redução do tempo de espera pela consulta médica. Uma amostra prática de como a formação de qualidade pode ser um negócio vantajoso para todos os setores da sociedade, nesse caso antes mesmo da graduação concluída.

A Fundação Indaiatubana de Educação e Cultura (FIEC) investe em cursos que respondem à demanda do mercado regional. Em Campinas, estudantes de medicina querem suprir o déficit dos profissionais formados

Mãe educadora

Era uma vez uma jovem professora que morava na pacata cidade de Serra Negra, Circuito das Águas Paulista. Ela era conhecida por sua maneira diferente de ensinar, valorizava a capacidade de aprender da criança. Grávida do primeiro filho, precisou se afastar das aulas, mas por pouco tempo. Quando o bebê completou três anos ela fundou um novo colégio: o Reino Encantado.

O enredo é real e a protagonista chama-se Elenir Bernardi, 61, pedagoga. Ela buscava ensino de qualidade para o filho. "Resolvi abrir uma escola que desenvolvesse produtividade e qualidade, baseada na construção do conhecimento e com a formação solidificada na ética e nos bons exemplos", conta, referindo-se à pedagogia Montessoriana. O número de alunos saltou de 16 no primeiro mês, para 70 ao término do ano. Após 33 anos, são 400 alunos da educação infantil ao ensino médio e 100% de aprovação nos vestibulares de 2011. Mas esse não era o plano de Elenir. "A ideia inicial era manter apenas a educação infantil, mas o coração de mãe e de educadora falou mais forte." Nasceram outros filhos - Daniel e Daniela - e a cada ano, mais classes.



O Colégio Reino, em Serra Negra, nasceu com o ensino infantil e hoje possui 400 alunos até o ensino médio



A pedagora Elenir e os filhos Danilo (à esquerda) e Daniel: a mãe fundou a escola para garantir educação de qualidade à família

Será preciso fundar uma escola para garantir a melhor educação para os filhos? Anos atrás, em um município com poucos recursos, poderia ser. Hoje não. Nem toda família tem um professor e não é toda mãe que deseja empreender. Isso não impede que todos se preocupem e contribuam para melhorias no ensino. "Com a minha experiência e formação, pude realizar o plano de educação dos meus filhos, mas sempre foi pensando no coletivo, pois não existe educação em um plano individual."

Troca diária

Foi respirando educação que o primeiro filho de Elenir, Danilo Netto, 35, administrador, descobriu o poder de educar. "A maior gratificação não está só em acreditar que transformando pessoas acabamos por transformar nosso país, mas em ver acontecer com ex-alunos que se tornam cidadãos conscientes, independentes e felizes", afirma o atual diretor administrativo do Reino. O outro filho de Elenir, Daniel Santos, 30, formado em propaganda e marketing, é diretor financeiro da escola. Netto é pai de Sophie, seis meses, e, assim como a mãe, Elenir, vê benefícios em estar dos dois lados no processo educacional. "Lidar com pais e alunos torna mais evidente a relação entre pais e filhos, com seus erros e acertos. Isso faz com que eu desempenhe melhor meu papel de pai . Ser pai também me faz um profissional melhor porque, aos poucos, adquiro uma sensibilidade mais apurada dos desejos e necessidades das crianças", observa.

A possibilidade de Sophie frequentar a escola da família é um privilégio. "Nem todos os pais podem dizer que são integralmente responsáveis pela educação dos filhos, passando pelo senso moral, cultural, cívico e científico." De fato, não. Mas, se os pais se interessassem pela vivência de professores, e vice-versa, lições tiradas por Netto certamente poderiam beneficiar muitos deles.

Relação de consumo consciente

Ser cliente não exclui a chance de ver a formação também como empreendimento. Sob a ótica dos pais, é um negócio de família: o investimento nos filhos gera como lucro maior tranquilidade diante do futuro. A blogueira Fernanda Piovezani, 39, de Sorocaba, mãe de Luísa, 4, sabe disso. Ela investe não só dinheiro, mas tempo e atenção na educação da pequena. Fernanda gosta de estar presente na rotina escolar da filha, seja através de atividades em que é convidada ou do diálogo com a escola, o que considera essencial. "O que mais me agrada é a amizade entre pais, professores, coordenadores e outros funcionários", conta.

Luísa está no jardim I e havia frequentado outro colégio por dois anos, mas a falta de informações incomodava a mãe. "Nunca ouvi sequer um comentário sobre ela", relata. A troca foi inevitável. "Queria uma escola que tivesse um relacionamento muito próximo comigo."

No Colégio Sorocaba, atual de Luísa, a sinergia entre escola e família estimula o aprendizado. "Quando os dois falam a mesma língua, os alunos sentem mais segurança e motivação, o que beneficia o desenvolvimento da criança", esclarece a diretora pedagógica Luciana Maeda. A escola, que atende do berçário ao 5º ano do ensino fundamental, promove reuniões e eventos periódicos com os pais, para integrar e conscientizar sobre os trabalhos desenvolvidos.

A nova metodologia tem trazido ótimos resultados, mas demanda maior comprometimento da família. Para a mãe de Luísa, participar não é problema - o que comprova a tese de Luciana: "os pais devem procurar a instituição de ensino que melhor se encaixe em suas expectativas pedagógicas, financeiras e logísticas. Há no mercado diversas opções de escolas para atender a todos os tipos de clientes".


Arquivo Pessoal

No colégio Sorocaba, a blogueira Fernanda Piovezani participa ativamente do processo de aprendizagem da filha Luísa, 4 anos

Papéis e resultados

"Não consigo ver pontos negativos na visão da escola como empresa", diz Antônio Francisco dos Santos, diretor regional em Campinas do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeesp). Segundo ele, quem trabalha com educação possui uma missão social, mas nem por isso deve deixar de ter a visão do negócio. Enxergar a instituição como empresa garante muito mais qualidade, estrutura e pedagogia. "Existem metas e números a serem alcançados e há medição de resultados. Os pais podem e devem cobrar por resultados, falar sobre suas necessidades e expectativas. Afinal, eles são consumidores e devem exigir de quem está oferecendo o ensino", avalia.

"Os pais podem e devem cobrar por resultados, falar sobre suas necessidades."

Antônio Francisco dos Santos (Diretor Regional do SIEEESP)

O problema é quando as cobranças colocam em risco a qualidade do serviço. Neste caso, é preciso priorizar a formação. "Todos os tipos de negócios têm que se basear na satisfação dos clientes. Mas há limites com relação ao que é estabelecido pela escola em termos de ensino e métodos pedagógicos. Afinal, direção, professores e coordenadores têm o embasamento e respaldo de anos de estudo para saber o que é melhor didaticamente", defende o diretor. Aprovar aluno para não perdê-lo, ou favorecer índices, nem pensar. "Quando a escola não reprova, todos saem perdendo, principalmente nosso bem maior, o aluno. A reprovação deve existir para escolas públicas ou particulares."

Faz parte do papel da família opinar – pagando mensalidade ou impostos. Isso gera um fluxo constante de aprimoramento. O difícil é definir o que esperar. O básico é qualidade. Segundo Santos, tem que haver a expectativa de que seja oferecido o que há de melhor em sistema de ensino, e que os alunos evoluam muito. "Deve-se esperar que aprendam a ler e a escrever na idade correta, conheçam a importância dos limites, respeitem o próximo, e o que é fundamental: as crianças e jovens devem estar felizes onde estudam, sentir prazer em ir para o colégio."